



Arte[®] na Escola



Da sala de aula para a sala de teatro

Ingrid Dornien Koudela revela tudo que o professor gostaria de saber ao planejar uma ida ao teatro com seus alunos.

O cenário da vida real

Poucos cursos de formação de professores com habilitação em Teatro e falta de espaços adequados nas escolas ainda tomam difícil o ensino teatral no Brasil.

Que teatro ensinar?

Especialistas analisam o papel do processo ou do produto teatral na aprendizagem dos alunos.

Neste Boletim Arte na Escola dedicado ao teatro, vamos poder ler como anda a prática desta linguagem artística nas escolas brasileiras. Temos professores formados em número suficiente para dar conta do recado? E quando temos, como é que o professor trabalha esta saída de classe para levar os seus alunos a uma experiência vital com o teatro? Quem escreve é Ingrid Koudela, referência brasileira em teatro-educação. Como se relacionam produto e processo quando o assunto é a Pedagogia do Teatro?

O Boletim Arte na Escola enfrenta uma multiplicidade de questões que afligem o professor cuja missão é trazer o teatro para perto do jovem ou da criança. Então, antes de enfrentá-las resta perguntar: e vale a pena? Neste cipoal de linguagens artísticas tomadas como se fossem uma coisa só pela legislação brasileira - vale a pena perseverar no desenvolvimento do teatro-educação, mesmo sabendo que apenas uma fração mínima dos professores de arte formados em nosso país cursaram esta terminalidade? A resposta é um redondo SIM! Uma pesquisa que nos chega da Universidade do Texas, nos Estados Unidos, conclui que alunos que participam de programas de teatro tanto na escola como em período extra-curricular se enriquecem na medida em que aprendem contação de histórias, trabalho em equipe, criatividade, inovação e expressão pessoal. E o estudo conclui que não só estas aulas aumentam a performance acadêmica, como também diminuem a evasão escolar.

Ou seja: se a experiência educacional pode se enriquecer tanto com as artes em geral e o teatro em particular - por que abríamos mão desta extraordinária alavanca educacional?

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe, Helânia Cunha de Sousa Cardoso, Sebastião Gomes Pedrosa, Sílvia Sell Duarte Pillotto

Editora

Silvana Claudio

Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB 20.168/SP

Redação

Fábio Galvão, Cecília Galvão e Raquel Zardetto (CGC Educação)

Projeto Gráfico Zozi

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e opiniões para este informativo devem ser enviadas para:

Instituto Arte na Escola; Alameda Tietê, 618 - casa 3 CEP 01417-020, São Paulo, SP Fone (11) 3103.8080
contato@artenaescola.org.br



ILUSTRAÇÃO

Lasar Segall

Agradecemos ao Museu Lasar Segall que gentilmente cedeu imagens dos figurinos e projetos cenográficos feitos pelo artista para a peça *Mandarim Maravilhoso*, do Balé do IV Centenário, e que ilustram esta edição.

A presença da Dança como parte dos conteúdos de Educação Física e/ou de Artes, tema abordado na última edição, repercute neste número.

➤ Muito providencial o assunto do boletim de junho. A problemática Dança x Educação Física não deve ser menosprezada ou ignorada; pois prejudica os profissionais de artes como um todo. Tratei do tema na minha monografia de graduação em Teatro, denunciando a tentativa de apropriação do mercado das Artes Cênicas (dança, teatro e circo) pela Educação Física. Parece óbvio, mas é preciso esclarecer que profissional de Educação Física não é profissional e/ou professor de Arte, seja de Música, Dança, Teatro, Artes Visuais ou áudio-visuais. Porém, numa jogada mercadológica, a Educação Física vem tentando vincular atividades artísticas à sua área. Equívoco acadêmico-profissional conveniente que visa a ampliação do seu mercado, e apropriação do nosso. No caso da Dança, faz-se urgentemente necessário determinar fronteiras, definir e esclarecer com que objetivos um educador físico a utiliza. Na Educação Física a dança é instrumental, e como a ginástica visa o bem estar, condicionamento físico e promoção da saúde. Lembrando que o educador físico é um profissional da saúde e não das Artes. A dança enquanto expressão e linguagem artística, arte-corporal cênica ou de espetáculo NÃO é Educação Física.

Mônica Mesquita – Professora de Teatro e Cinema, Graduada em Artes-Teatro, Pós Graduada em Dança e Artes-Visuais (Montes Claros/MG)

➤ Gostaríamos de ressaltar que as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental do Município de São Paulo visam estimular a leitura e a produção crítica de outros olhares para a realidade, seja no trabalho específico de cada área ou por meio de atividades interdisciplinares. Por isso, foi criado o eixo Artes/Educação Física para o Ensino Fundamental I, tendo em vista sua extensão para o ciclo 2. Os fundamentos teóricos para tanto baseiam-se nas perspectivas das teorias culturais, problematizadas junto aos grupos de professores de Artes e Educação Física que, ao longo de dois anos, reuniram-se para construir os documentos.

Ressaltamos também que, durante o ano de 2007, período de elaboração das Orientações Curriculares, aconteceram cinco grandes encontros presenciais com supervisores de ensino, gestores e professores, bem como duas grandes consultas às escolas, tabuladas pelas treze Diretorias Regionais de Ensino.

Nesses momentos, os questionamentos e sugestões dos educadores foram incorporados ao debate, proporcionando a elaboração coletiva das Orientações Curriculares mediante um saudável diálogo entre a teoria e a prática.

Eliana Pougy (Artes), Marcos Neira e Mário Nunes (Educação Física) - assessores da Diretoria de Orientações Técnicas da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Celeiro de Ideias



O processo (autoexpressão /criação dos alunos) e o produto (espetáculo) podem coexistir de maneira produtiva no ensino de teatro na escola? Especialistas analisam o papel destas concepções de trabalho na aprendizagem dos alunos.

PROCESSO › Por longos anos, perdurou-se a ideia de que o processo teatral por si só, quando bem realizado, já trazia consigo elementos necessários ao processo de formação artística dos alunos.

Porém, na contemporaneidade, cada vez mais, são desenvolvidas pesquisas que relacionam o aprendizado teatral a processos de criação voltados à organização de uma encenação.

O receio de encaminhar o ensino de teatro à elaboração de espetáculos teatrais, em escolas de formação básica, pode ser minimizado com base nas atuais discussões que compreendem a ideia de artista-docente e o termo Pedagogia do Teatro.

O termo busca incorporar as novas dimensões da pesquisa que vem sendo realizada na área do teatro e da educação, com vistas a não romper com essas duas áreas. Ao contrário, trata-se de compreender que é parte inseparável do teatro a ação pedagógica que abrange desde a organização das propostas estéticas de uma encenação até o encaminhamento delas junto aos alunos.

Na formação de professores de Teatro, o termo tem trazido formulações curriculares que abrangem a formação artística e docente de profissionais que irão atuar em diversas áreas da cultura, da arte e da educação, sem criar uma cisão entre o teatro e a pedagogia que envolve o fazer dessa linguagem. Em face disso, o artista-docente é aquele que, além de voltar os seus objetivos para a formação dos seus alunos, também está atento à sua formação, tanto artística, como docente. Ele não só sabe ensinar arte como conhece arte e sabe produzi-la. Isso significa pensar não em transmissão de conhecimentos artísticos, mas em proposições capazes de gerar outras criações artísticas, outros olhares sobre a arte. Dentro dessas perspectivas, não se trata de priorizar o processo ou a encenação. Ao contrário, a busca é pela não dissociação entre o processo e a construção de encenações no ambiente escolar, compreendendo-os como partes constituintes da aprendizagem e do ensino do Teatro.

Joaquim Gama - Doutor em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes de São Paulo – ECA/USP. Coordenador do Polo Arte na Escola da Universidade de Sorocaba – UNISO e dos cursos de Licenciatura em Teatro, Artes Visuais, Dança, Música e Especialização Pedagogia do Teatro, na UNISO.

PRODUTO › Alguns pesquisadores do binômio teatro/educação acreditam que a obrigatoriedade de um produto final para mostrar aos pais e/ou à comunidade fira o princípio da arte e seus benefícios para os alunos-atores. O ensino da arte teatral em muitas escolas ainda tem se restringido à montagem de um espetáculo para apresentação no final do ano. O que buscamos é pensar uma proposta diferente de se trabalhar com o teatro no cotidiano escolar.

Muitas crianças têm o primeiro e único contato com o teatro na escola. Isso revela a importância do papel da educação no fomento da vivência da arte teatral pelos nossos educandos. No âmbito escolar, o compromisso com a montagem de um espetáculo acarreta um sério compromisso com toda a comunidade, o que pode reduzir o ensino do teatro à simples tarefa de produção de espetáculos, favorecendo os mais habilidosos na arte da representação e estabelecendo a exclusão dos que não se sentem capazes de atuar diante de uma plateia.

A autora Viola Spolin propôs jogos teatrais, intencionalmente dirigidos para o outro, para trabalhar a linguagem teatral. O processo em que se engajam os indivíduos que “jogam” se desenvolve a partir do improviso e seus papéis não são estabelecidos a priori, mas emergem das interações durante o jogo. A finalidade é o desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal dos jogadores através do domínio e uso “interativo” da linguagem teatral, sem nenhuma preocupação com resultados estéticos cênicos pré-concebidos ou artisticamente planejados e ensaiados.

A proposta de educar os jovens através do jogo teatral, segundo a pesquisadora Ingrid Koudela, aponta para um caminho de autoconhecimento. A linguagem teatral pode ser ensinada e aprendida por todos que desejarem, desde que seja oferecido um espaço propício à experiência criativa. Finalmente, como propôs Brecht, a estreia do espetáculo é o momento em que se abre para compartilhar com a plateia o processo vivido. Então, o que desejamos da arte teatral no âmbito escolar é o produto como resultado de um processo instigante e prazeroso, rico em experiências positivas para os alunos participantes.

Tânia Cristina dos Santos Boy - doutoranda na Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo e professora de Jogos Teatrais da Universidade de Sorocaba.

O teatro em movimento na escola

Como valorizar o ensino do Teatro na escola em tempos midiáticos? Quais estratégias usar para atrair o aluno para a cena teatral? A escola está comprometida com as Artes Cênicas? E a formação dos professores? É de qualidade?

» Para responder estas e outras questões, o Instituto Arte na Escola conversou com vários profissionais ligados ao ensino do Teatro. Todos reconhecem que ainda há muitas dificuldades, mas são otimistas ao apontar avanços ainda discretos, mas que podem ser comprovados pelo Censo do Ensino Superior.

Em 2000, eram apenas seis os cursos de formação de professores com habilitação em Teatro no Brasil. Número que chegou a 18 em 2008, ano do último levantamento. Os concluintes destes cursos eram apenas 59 em 2000, contra 128 em 2008.

Os cursos também variam de acordo com a instituição. "Na Universidade de São Paulo (USP) o curso forma tanto o artista quanto o professor de Teatro. O currículo de bacharelado e licenciatura é integrado", afirma Flavio Degranges, professor do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP e diretor teatral. Na Universidade de Sorocaba (Uniso), que é Polo Arte na Escola, o curso de Teatro, com habilitação em Arte-Educação, está ligado tanto aos estudos de expressão artística quanto aos métodos pedagógicos de ensino e aprendizagem. Em outras, há apenas a formação artística, como na Faculdade de Artes do Paraná (FAP), que também integra a Rede Arte na Escola.

O Polo FAP organiza Grupos de Estudos e cursos para os professores da rede pública, a maioria sem habilitação em Teatro. "Daí a relevância desses grupos que possibilitam uma compreensão mais abrangente sobre os conteúdos e metodologias específicas do Teatro, para além de uma mera atividade de recreação", conta a professora Guaraci Martins, responsável pelo Grupo.

O ESPAÇO ESCOLAR

Entre os maiores entraves para melhorar o ensino do Teatro estão o espaço escolar. Para o professor Narciso Telles, do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e membro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE), a escola ainda tem dificuldade em entender o trabalho dos professores de Teatro. "As escolas são espaços de controle e o teatro é uma prática artística transgressora", diz. Ele sugere que o professor "transforme a escola num

local de desejo para os estudantes e não de controle". Na opinião da professora de Teatro Lisinei Rodrigues, coordenadora da área no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), poucas instituições disponibilizam um espaço físico adequado para a prática das Artes Cênicas. "Estes espaços são por demais dispendiosos, o que acaba fazendo os gestores das escolas optarem por salas improvisadas ou simplesmente não oferecerem essas modalidades artísticas", constata.

O professor Vicente Concilio, da Universidade de Estado de Santa Catarina (UDESC), reconhece que a situação é difícil, principalmente na rede pública. "Ter 40 alunos por sala é complicado. Os espaços são pequenos para os exercícios corporais e concentração", diz. Flavio Degranges, da USP, destaca que o "poder público ainda não tem compreensão da importância do ensino do teatro na formação das nossas crianças e jovens". A opinião é compartilhada pelo colega Narciso Telles, da UFU. "Ainda vemos as prefeituras abrirem concursos para professores de educação artística, não respeitando a LDB que aponta a necessidade de professores das várias linguagens artísticas", critica.

CANTO DE SEREIA

Levar os alunos ao teatro, trazer o teatro para a escola, ler textos teatrais e exercitar as capacidades de atuação são estratégias básicas para o professor atrair o aluno para o mundo teatral, concordam os professores entrevistados pelo Arte na Escola.

Na visão de Vicente Concilio, da UDESC, "os processos colaborativos são muito fortes na arte contemporânea e o professor precisa ser parceiro do aluno para criar o diálogo artístico". Ele acredita que o docente precisa desenvolver um pensamento artístico. "A verdadeira formação é um equilíbrio entre a reflexão pedagógica e a reflexão artística", ensina.

A professora Lisinei, da UFRGS, alerta que a carreira artística ainda é vista como um "canto de sereia" para muitos estudantes. "Por vezes os alunos minimizam a importância do teatro na educação básica e a atuação necessária de um professor-artista", diz.



A NOVELA DAS 8

» Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em Teatro oferecem ao professor textos para todo o ensino básico e sugerem, por exemplo, assistir a novelas, filmes de suspense e até publicidade cômica como exercícios para o ensino do teatro.

Para Guaraci Martins, "programas de TV com produções artísticas pouco elaboradas, incentivo ao consumo desenfreado e valorização de atitudes violentas e discriminatórias" podem servir ao professor "para ampliar a compreensão do aluno sobre si mesmo e o seu próprio contexto, por meio da Pedagogia do Teatro".

Flávio Degranges diz que o professor pode usar diversas mídias, mas recomenda sempre trabalhar com o teatro. "O teatro moderno se distancia da espetacularização da vida, das outras mídias", afirma. Narciso Telles diz que "o teatro é uma arte do encontro real, não virtual". "O teatro é uma arte artesanal, nunca vai competir com a televisão", destaca.

Para Lisinei Rodrigues, o teatro não precisa concorrer com a televisão, mas sim conquistar o seu espaço. "Quando o docente possui segurança nos conceitos teatrais a serem trabalhados, um bom manejo nas situações de conflitos e uma escuta sensível para traduzir estas concepções de representação, o teatro pode emergir com a força de ritual que lhe é peculiar", diz.



5

«

DO TEATRO PARA A ESCOLA

Dois exemplos revelam a força e o crescimento das Artes Cênicas no Brasil. O primeiro é a história do Célia Helena Teatro-escola, em São Paulo, referência do ensino artístico no Brasil. Após mais de 30 anos formando atores e diretores de teatro, cinema e TV, a instituição se transformou, em 2008, na Escola Superior Artes Célia Helena. "Nós inserimos na matriz curricular disciplinas com conteúdos formativos e que pudessem instrumentalizar o aluno para a docência em cursos livres de Teatro", explica a diretora Lígia Cortez. Por enquanto, a Escola Superior Artes Célia Helena tem apenas bacharelado, mas tem planos de criar um curso de pós-graduação lato sensu direcionado aos professores do ensino regular. "Para atender professores da rede pública, buscaremos realizar parcerias com secretarias de educação e instituições de terceiro setor", conta Eleonor Pelliciarí, da comissão de autoavaliação.

O segundo exemplo é o projeto Vivo EnCena, que incentiva jovens a fazer teatro na capital paulista. Patrocinado pela operadora Vivo, o projeto atrai alunos da escola pública e ajuda na formação de grupos de teatro. Todos os sábados têm espetáculo de graça. "No início, encontramos muitas dificuldades e frustração. Percebemos que teatro não é levar o aluno de ônibus, dar lanche e assistir. É preciso preparar o professor e o aluno", afirma Marcelo Romoff, responsável pelo projeto.

Links sugeridos:

Documentários:

- Giramundo: uma história de títeres e Marionetes, DVDteca Arte na Escola
- Ações Memória: Conotação de Causos e Impressões de Vidas - vencedor do IX Prêmio Arte na Escola Cidadã
- Teatro e Cinema: um diálogo de 24 frames por segundo - menção honrosa no VIII Prêmio Arte na Escola Cidadã

PCNs:

- Fundamental 1
- Fundamental 2
- Ensino Médio

A visita ao teatro

Certa vez perguntaram a Stanislavski como deveria ser um teatro para crianças. Ao que o famoso encenador russo respondeu: *igual só que melhor do que o teatro adulto!*



» O texto que segue é um diálogo com você, professor, e almeja transformar a visita ao teatro em uma aventura prazerosa.

A ida ao teatro é uma atividade extra curricular em relação à rotina escolar. Mas ela pode ser transformada em uma oportunidade para criar uma situação de ensino/aprendizagem na qual a descoberta e a construção de conhecimento estejam presentes, através da preparação antes da ida ao teatro e na volta à escola.

Seus alunos estão indo pela primeira vez ao teatro? Já fizeram visitas anteriores? Há outras atividades culturais no bairro? É um grupo da periferia da cidade. E você, professor? Qual a sua familiaridade com o teatro? É espectador? A ida ao teatro não implica necessariamente um professor especialista.

A plateia é o segmento mais reverenciado no teatro! É para o espectador que todos os esforços dos atores e da equipe técnica (iluminação, cenografia, figurinos, sonoplastia e outros) se somam, preparando a sua vinda. Façamos justiça a estes esforços, preparando nossos alunos para este gesto de reverência ao público realizado pelos artistas de teatro. O espetáculo teatral envolve um trabalho intenso de ensaios e produção.

Os espaços culturais na cidade são ilhas de liberdade frente à ocupação da fantasia pela mídia e a sociedade de consumo. Ir a exposições e espetáculos de teatro e música é ensinar à criança e ao jovem que além das áreas verdes, há espaços na cidade que merecem ser visitados. Ao mesmo tempo, o foco deste trabalho é na autonomia da

relação espectador/ator, professor/aluno e aluno/aluno. A construção de conhecimento a ser propiciada pela visita ao teatro será uma experiência sensível e a consciência de seu valor será conquistada através da sua mediação, professor, complementando as sugestões aqui apresentadas.

A experiência sensível é única e cabe a você compreender e estimular as iniciativas de seus alunos que podem se expressar de inúmeras formas sobre o teatro.

ORIENTAÇÕES ANTES DA IDA AO TEATRO

Salas de aula reunidas para assistir a um espetáculo de teatro constituem uma situação diferente do ritual social de plateias pagantes que frequentam os teatros nos finais de semana.

O aquecimento antes da ida ao teatro com o grupo é importante! Qual o comportamento desejado?

Prepare com seus alunos o trajeto do ônibus até o teatro. Muitas vezes esta é a primeira oportunidade para muitos de conhecer a cidade. De onde saímos, para onde vamos? Quanto tempo leva o percurso? Garanta o horário, a alimentação, a ida ao banheiro antes de assistir a peça.

A reação de uma plateia de crianças que vai pela primeira vez ao teatro é espontânea, mas algumas atitudes básicas de cidadania podem e devem ser trabalhadas com seu grupo. Perceber que a plateia de teatro acontece no aqui/agora e que o respeito aos atores e ao patrimônio da sala de espetáculos deve ser observado são premissas básicas para o sucesso da ida ao teatro.

RODAS DE CONVERSA ANTES DA IDA AO TEATRO

As rodas de conversa em que se diz ao outro o que se pensa devem ser vistas como um processo. Talvez no início você ouça apenas alguns balbucios. Cada pequeno enunciado deve ser valorizado e você precisa estar atento para que todos tenham oportunidade de se manifestar.

Na maioria das vezes você precisará provocar a fala, através de perguntas que geram conversa. Aos poucos as verbalizações de seus alunos vão se tornando mais fluentes.

As rodas de conversa em sala de aula promovem o processo de dizer ao outro o que se viu, o que se sente e o que se pensa. O exercício dessa forma de narrativa é essencial na leitura da obra de arte.

DURANTE O ESPETÁCULO

Na ida ao teatro o professor é um participante na plateia, que acompanha a classe e observa atentamente a atitude dos alunos para dar continuidade às suas atividades na sala de aula.

Agora é o momento da fruição estética que principia com os três sinais que tradicionalmente anunciam o início do espetáculo teatral. O black-out (muitos espetáculos utilizam o recurso de apagar todas as luzes da sala de espetáculos antes do início) e a cortina que se abre, às vezes de forma majestosa, provocam em geral uma grande euforia nas plateias formadas por escolares.

Deixe esse processo acontecer, professor. A partir deste momento os atores são os responsáveis pela comunicação entre palco e plateia.

A conduta da plateia durante o evento teatral é uma questão intrincada. Como fazer com que os alunos percebam a hora de falar e a de silenciar? O silêncio pode ser considerado uma conquista, nem imediata, nem evidente. E muito menos imposta. A imposição do silêncio é muito pouco produtiva para a ambição de formar espectadores. Ela não se resolve colocando para fora quem estiver se manifestando durante a cena. Pouco adianta que os professores repreendam seus alunos ou que os artistas interrompam a apresentação para pregar lições de boa conduta à plateia presente.

Mas a importante ação na preparação e sensibilização para a ida ao teatro é determinante para um olhar e uma escuta mais atenta dos alunos.

A VOLTA À ESCOLA

O sucesso da ida ao teatro pode ser julgado através da influência que exerce sobre as conversas e ações dos alunos, transformando e alargando o seu imaginário e a sua leitura de mundo.

A visita pode propiciar uma sequência de situações de aprendizagem, através de várias propostas que você, professor, pode fazer à sua sala de aula.

Na sala de aula, após a ida ao teatro, as informações e percepções estéticas são compartilhadas entre os pares. Você poderá desenvolver procedimentos variados para avaliar a apreciação e leitura do espetáculo, fazendo propostas para a tematização do conteúdo da peça.

RODAS DE CONVERSA APÓS A IDA AO TEATRO

O que vocês mais gostaram? O que não gostaram? A experiência sensível do aluno pode iniciar com rodas de conversa desta natureza, mas não necessita ficar restrita ao plano do gostei/não gostei.

Inicie as rodas de conversa pedindo para os alunos descreverem o que viram objetivamente.

As rodas de conversa sobre as diferentes interpretações e leituras do espetáculo permitem compartilhar significados e ampliar a visão de mundo da criança. O objetivo das rodas de conversa é estimular os alunos a produzirem interpretações pessoais, desenvolvendo a sua autonomia.

As atividades antes e depois da ida ao teatro devem acontecer de forma independente do espetáculo, não se prendendo necessariamente a assegurar os objetivos anteriormente planejados por uma encenação. Professores e alunos são autônomos na instauração de uma nova experiência na sala de aula, talvez impregnada, mas não determinada pela visita ao teatro.

Com o intuito de provocar uma interpretação pessoal dos diversos aspectos observados no espetáculo assistido pelos seus alunos, você, professor, pode estruturar procedimentos que convidem os alunos a criar cenas de elaboração compreensiva. São prolongamentos criativos que buscam dar conta das questões propostas pela encenação. Os alunos são convidados a conceber breves atos artísticos, que não se estruturam necessariamente como continuidade do espetáculo, mas como exercícios interpretativos do espetáculo assistido.

O importante não é aquilo que a cena quer dizer, mas o que cada observador pode elaborar no plano simbólico, a partir daquilo que a cena lhe disse. Portanto a sua função, professor, neste momento, é estimular o aluno a manifestar-se criativamente sobre a cena, efetivando a autoria que lhe cabe, elaborando compreensões que vão sendo construídas para além da análise fria e racional. <<

Ingrid Dormien Koudela - docente do Curso de Pós-Graduação em Artes Cênicas na ECA/USP, autora de JOGOS TEATRAIS (Perspectiva, 2002) e TEXTO E JOGO (Perspectiva, 1996).



Avaliação: a bússola da viagem do conhecimento

» Um grupo de Coordenadores de Polos Arte na Escola, diante de algumas pistas, busca refazer os passos de um processo de ensino aprendizagem. O exercício tinha o objetivo de gerar reflexões sobre avaliação do processo ensino aprendizagem da arte no Ensino Fundamental II.

As pistas eram um caderno da Proposta Curricular do Estado de São Paulo, alguns desenhos e alguns textos- auto-avaliações realizadas por alunos de uma 8ª série. Fragmentos de um processo que possibilitaram questionamentos e reflexões. Claro que tais pistas não davam a configuração do todo do processo de ensino aprendizagem vivido por aquele grupo dentro do contexto de sala de aula, mas apontavam alguns caminhos para reflexão.

Avaliação também é um processo. Não é algo que se dá unicamente no final como instrumento de aferição, nem tampouco é uma régua onde se determina um ponto médio e verifica-se o que está acima ou abaixo dessa média.

Avaliação como processo orienta os caminhos da aprendizagem, é a bússola da viagem do conhecimento. Não é, portanto, uma atividade que põe um ponto final, mas aquela que ativa novas rotas. Como processo, a avaliação pode acontecer em vários momentos de um projeto gerando reposicionamentos. Quem determina a rota é o grupo: professor e alunos.

Toda avaliação implica em uma seleção de conteúdo e no enfoque que se dá a esse corpo de conhecimentos. Vista como bem cultural – a arte inserida dentro da vida social – a avaliação certamente terá foco no processo de construção do pensamento visual com modos específicos do fazer, pensar e perceber.

Como se partiu de uma situação real, apesar de recortada e descontextualizada, buscou-se manter o foco naquele exercício. Pensou-se na realidade da sala de aula, nas cobranças institucionais e perguntou-se: como realizar uma avaliação processual dentro da estrutura escolar vigente, com classes numerosas,

poucas aulas semanais e um cronograma de notas a entregar?

O material coletado do processo de ensino-aprendizagem oferecia pistas para se perceber os acertos e os equívocos. Quais as expectativas de aprendizagem por parte do professor e dos alunos? Foi usado vocabulário específico de Arte? Quais habilidades estão sendo mobilizadas? Promove experiência estética? Houve momentos de troca? Houve auto-avaliação do professor e do aluno?

Quanto à avaliação, o texto do caderno do professor da Proposta Curricular propõe o portfólio para os estudantes e o caderno do aluno - como parte do portfólio - onde questões são postas para que o aluno reflita sobre as atividades. Propõe também que o professor faça um diário de bordo, registrando o percurso vivido no bimestre: “Além disso, ao final do bimestre, avaliar seu diário de bordo pode ser o momento importante de reflexão sobre todo o caminho trilhado e de aquecimento e planejamento do novo bimestre”.

O Grupo de Trabalho incumbido desta análise percebeu que, apesar do material dar os parâmetros para uma avaliação processual, o texto de orientações gerais aparece no início de todos os cadernos do professor não tem sido explorado de modo a ampliar a reflexão sobre avaliação.

O exemplo de avaliação de um processo de ensino aprendizagem que tínhamos em mãos demonstrava que a docente não tinha muita clareza quanto a como avaliar seus alunos. O grupo concluiu que seria necessária uma discussão epistemológica sobre o que é avaliar em arte, para que professor possa se posicionar sobre isso. Os Polos Arte na Escola têm uma tarefa a desempenhar: criar espaços de discussão sobre avaliação em arte.

» **Maria Luiza Calim** – coordenadora do Polo Arte na Escola Universidade Estadual de São Paulo – Unesp/Bauru

8

Link:

Proposta Curricular - Ensino Fundamental II e Médio - Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

OS ENDEREÇOS E DADOS PARA CONTATO COM OS POLOS E PARCEIROS DA REDE ARTE NA ESCOLA ESTÃO NO SITE www.artenaescola.org.br



Patrocínio
FUNDAÇÃO
IOCHPE